

11-06-2020

## Muitos números, poucas vozes

**Lucrecia Bobbit Filgueiras**

[Enfermeira. Professora aposentada]

Vivemos um momento já muito descrito, analisado, pensado e apresentado de inúmeras formas: textos técnicos, jornalísticos, *fakenews*, webconferências, tabelas e gráficos, músicas, charges, textos livres, fotografias, ilustrações, prosa, poesias e muitas dores. Pouco me resta dizer, não trago novidades. Nenhuma que já não tenha sido dita ou prevista. Também estava previsto que os ditos “heróis” do front sucumbiriam ao adoecimento físico e mental e que alguns seriam ou serão acometidos pela Covid-19.

Não imaginávamos que nós da enfermagem seríamos tantos (e agora me caem lágrimas). [O Brasil é o país com mais mortes de profissionais de enfermagem por COVID-19 no mundo](#). Pesquisadores provavelmente estão tentando identificar as possíveis causas desse cenário fúnebre, que nos aterroriza. Onde está o erro? Só peço não culpabilizarem a vítima. Não venham nos dizer que temos falhas na formação, que temos mais de um emprego para dar sustento aos nossos lares, que pegamos na ida ao supermercado, usando o celular no plantão... Vamos aguardar o que dirão de nós! Prezados pesquisadores, uma dica: favor observar o funcionamento da rede de saúde durante a pandemia, as mudanças de fluxo de pacientes, os protocolos novos e principalmente ouçam as equipes de enfermagem. Temos muito a contar. Éramos comparados aos super-heróis, mas nós da enfermagem declinamos do título, além de não possuímos nenhum super-poder ainda lutamos por reconhecimento e valorização profissional, piso salarial digno, 30 horas semanais etc. Somos sim uma força de trabalho que trabalha sob risco constante.

Quem negar esse risco deveria fazer um pequeno esforço de tentar ficar em nosso lugar. E por mais incrível que possa parecer [estamos virando alvo de violências, mundo afora...](#) Eita Covid-19, desenterrando problemas submersos!!! Estamos todos mergulhados diariamente em diagnósticos e prognósticos da situação de saúde do nosso território, investigações epidemiológicas, identificação de riscos, novos sinais e sintomas, descrições de quadro clínico, tratamentos e procedimentos recentes, leitura de trabalhos científicos... Nem é preciso explicar os termos acima, todos nos tornamos craques em terminologia em saúde. Até que isso é positivo. São números... Todo dia, muitos números. Realmente, os números nunca foram tão protagonistas como agora... Notaram? Somos massacrados por números a todo o momento. De casos, doentes, internados, mortes, recuperados. Em taxas de mortalidade, internação hospitalar, tempo de internação, sexo, faixa etária, local de residência, etnia etc.

Por mais incrível que pareça, não sabemos por categoria profissional ou pelo trabalho que está realizando ou não durante o isolamento social. Esse número específico parece que não interessa. O número dos trabalhadores dos serviços essenciais ou não que estão adoecendo ou morrendo.

Por que será que estão distanciando a pandemia do trabalho enquanto categoria que tanto interfere e influencia a saúde das pessoas? A enfermagem, devido a um esforço dos Conselhos de Classe (Conselho Federal de Enfermagem e Conselhos Estaduais de Enfermagem) está conseguindo apresentar números e assim tenta chamar a atenção da sociedade e gestores para seus trabalhadores .

E as outras categorias? Não sei... Vamos ver se futuramente saberemos. Apesar do número de trabalhadores por categoria profissional adoecidos ou mortos pela Covid-19 no Brasil não estar sendo identificado e informado, não desisti de afirmar que há um protagonismo neles.

Não nos trabalhadores, óbvio. Protagonismo dos números. Atualmente com três ou quatro números que traduzem medições feitas com auxílio de pequenas e antigas ferramentas traduzimos um potencial sintomático da Covid-19. São os números que correspondem à frequência respiratória (observação e contagem pelo profissional), temperatura corporal (termômetro) e nível de oxigênio que está sendo transportado pelo sangue (oxímetro). Se formos ler boletins de pacientes internados, os números são protagonistas absolutos em inúmeros outros parâmetros mais específicos e técnicos. Falamos por siglas e números. Obviamente observamos outros parâmetros ou sinais também são frequências, ritmos, odores, colorações, espessuras, ruídos, umidade... De qualquer forma acho impressionante como rapidamente incorporamos tão fortemente os números em nossas novas e diferentes vidas. Mas tem coisas que não sabemos contar. Que não podemos medir. Que estão no sentir de cada um. Na sua história de vida, seus amores, sua família, seu trabalho, sua rotina, seus hábitos... O que significa para uma pessoa saber seu exame positivo para a COVID-19? Qual a medida do seu medo ou coragem? Em qual aparelho posso detectar se existe desespero? Como quantificar os planos instantaneamente desfeitos? Como identificar e contar as alegrias e trazê-las de volta como um canto de esperança? Não podemos apenas nos cercar de informações e números e esquecermos de olhar para aquele é o nosso igual como se olhássemos para nós mesmos. Mesmo que a gente esteja de máscara e não possa mostrar o sorriso, mesmo que com óculos de proteção e o brilho nos olhos se torne esfumado, mesmo que de luvas que nos impeçam de tocar a sua pele, mesmo que as regras sanitárias nos impeçam de abraçar, mesmo que voz esteja abafada... É urgente encontrar uma forma de desobjetivar as taxas e parâmetros (sem tirar sua grande importância) e introjetar mais VIDA nas nossas relações.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*